

Vertentes e Interfaces I: Estudos Linguísticos e Aplicados

**LINGUAGEM E TRABALHO:
REGISTROS DE ESTUDOS PIONEIROS E INICIAIS NO ESTADO DA BAHIA
(2005-2021)**

*Lúcia Gracia Ferreira**

*Ester Maria de Figueiredo Souza***

RESUMO: Este trabalho se situa entre o estado de conhecimento sobre linguagem em situações de trabalho de formação docente e exposição de acontecimentos para inaugurar essa problematização no interior do grupo de pesquisa de uma universidade pública do interior da Bahia. Informa o período 2005-2021 como o que reúne estudos com maior aderência à concepção de ensino como atividade, como também o reconhecimento do exercício de orientação acadêmica na graduação e pós-graduação como indícios de anos anteriores como inaugurais para a constituição e afirmação deste campo, nesta universidade. Objetivamos, neste estudo, catalogar produções sobre o tema que marca o início das discussões no âmbito do Brasil e da Bahia. Assim, encontramos pesquisas que enfatizam a abordagem da linguagem com/como/sobre o trabalho e a ergolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Trabalho; Ensino; Ergolinguística.

Introdução

Este texto busca realizar uma abordagem sobre linguagem e trabalho com uma breve descrição de importantes estudos que contribuíram (ainda contribuem) para consolidar a área. Assim, os estudos sobre linguagem e trabalho, com foco pluridisciplinar, remonta os anos 70, ou seja, não são tão recentes, e são marcados, principalmente, pelo pioneirismo da França. No Brasil, os anos 90 marca o afloramento das discussões que foi crescendo ao longo dos anos.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Itapetinga (Uesb). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia e da Uesb. Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos/Uesb e Docência, Currículo e Formação/UFRB.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Pós-doutorado pela Universidade de Brasília (UNB). Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), atuando nos cursos de Licenciatura em Letras, no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, e no Programa de Pós-graduação em Educação. Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação.

Objetivamos catalogar produções sobre o tema que marca o início das discussões no âmbito do Brasil e da Bahia. Apostamos numa breve descrição das produções que consolidaram a área no Brasil e que revelaram outras perspectivas como a Ergolinguística, área interdisciplinar que se forja a partir de três áreas - a linguística, a ergologia e a ergonomia. Ainda, mostramos o que o Catálogo de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) nos revela sobre a Ergolinguística, no âmbito das produções nacionais nos Programas de Pós-Graduação e apresentamos outras produções e aproximações. Estas se configuram como sendo da Universidade Federal de Pernambuco, que também tratam dos estudos referentes a linguagem e trabalho e de outras, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que se apresenta, na Bahia, como pioneira no âmbito destes estudos.

Produções que consolidaram a área no Brasil e revelaram outras perspectivas

Segundo Porto (2015), essas discussões sobre linguagem e trabalho não são recentes, datam seu surgimento na França na década de 1970 e estas se fortaleceram com contribuições de autores como Clot (1997); Faïta (2002, 2005), Schwartz (2000).

Em torno desse tema há produções que são essenciais e significativas para a consolidação dos estudos. O livro “Linguagem e Trabalho”, organizado por Francisco Duarte e Vera Feitosa, representa os resultados das comunicações realizadas no I Colóquio Franco-Brasileiro de Linguagem e Trabalho, realizado em 1995, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A obra, de 1998, ressalta a importância da linguagem e aponta modos de percebermos as atividades e a situação de trabalho. A obra foi publicada em parceria com a COPPE/UFRJ.

Segundo Porto (2015), foram firmadas parcerias entre os pesquisadores que se interessavam pela temática e em 1997 eles fundaram um projeto de cooperação entre o Brasil e a França para estudo do tema. Estavam envolvidos no âmbito brasileiro a PUC¹-SP, a PUC-Rio e a UFRJ entre outras instituições brasileiras, através do grupo de pesquisa ATELIER Linguagem e Trabalho (CNPq), tendo como líder a Professora Doutora Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva; e no âmbito Francês, a Université de Provence-Aix-Marseille e a Université de Rouen, que contavam com a atuação dos Professores Doutores Daniel Faïta e Yves Schwartz, respectivamente, entre outros.

¹ Pontifícia Universidade Católica.

O livro “Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França”, organizado por Maria Cecília Sousa-e-Silva e Daniel Faïta, publicado em 2002, é uma coletânea de textos. É considerada uma obra importante pela base teórica presente nos textos que a compõe e também por representar a parceria entre os grupos de pesquisa (citados acima) - Brasil e França - no que concerne aos estudos realizados. Entre esses grupos foi perceptível os estudos e pesquisas relacionadas as questões sobre diferentes mundos do trabalho e seus aspectos e fatores influenciadores, tomando a linguagem como elo e construtora desses mundos (PORTO, 2015).

A “Análise Dialógica da Atividade Profissional” é um livro escrito por Daniel Faïta, publicado em 2005, proporciona uma discussão a respeito dos regulamentos, modos de organização e funcionamento do papel do linguista, ou seja, seu estatuto e de seu objeto de estudo na perspectiva do trabalho, levantando questões como: “Seria o próprio funcionamento da linguagem ou as condutas dos atores e seus efeitos? Os ensinamentos que são obtidos referem-se as atividades de trabalho ou tendem mais a restituir a especificidades da própria linguagem?”. Desse modo, o autor sugere que haja ampliação dos pontos de vista do objeto e postura do linguista, voltada para uma “atitude dialógica”, visto que se trata de um profissional com competência para apreender e compreender discursos a respeito de um diálogo entre trabalhadores e pesquisadores.

Na atualidade, cresceu muito o número de pessoas que estudam a relação linguagem e trabalho, portanto, há mais obras publicadas sobre o tema de pesquisadores que tem se dedicado, em seus grupos de pesquisas, a ampliar o assunto, dar a ele visibilidade, principalmente, no âmbito dos estudos da linguagem. Destacamos as obras: Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo (FIGUEIREDO et al., 2004); Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano (BRONCKART, 2006); Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana (SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, 2010); entre outros.

No âmbito da educação, tem sido crescente esses estudos. Destacamos o livro organizado por Anna Rachel Machado, em 2004, “O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva”. Este livro, que consideramos como um divisor de águas, marca com especificidade a atividade de ensinar do professor como um trabalho que se concretiza pela linguagem. O ensino como trabalho e objeto de estudo é tratado na obra numa abordagem discursiva que está atrelado a ergonomia situada e a ergologia. A proposta de colocar em xeque a atividade docente, remete ao professor refletir sobre seu trabalho e a organização que o compõe (MACHADO, 2004).

Ainda, o livro “Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva” e “Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais”, ambos organizados por Lilia Santos Abreu-Tardelli e Vera Lúcia Lopes Cristóvão, no ano de 2009, ressaltam a importância dos estudos de Anna Rachel Machado, em relação ao interacionismo sociodiscursivo, no Brasil. Também reporta para a teorização da linguagem e sua essencialidade no desenvolvimento humano e que essa integração, linguagem e educação, na perspectiva do trabalho do professor e dos gêneros textuais, marca o papel da linguagem no trabalho e na aprendizagem.

Desse modo, muitos autores têm disseminado o tema linguagem e trabalho (SCHWARTZ, 2000, 2004, 2011, 2016; FAÏTA, 2002, 2004, 2005; AMIGUES, 2004; LA-COSTE, 1998; FILLIETTAZ, 2004; LOUSADA, 2004; MACHADO; MAGALHÃES, 2002; MACHADO, 2009; MACHADO; BRONCKART, 2009; SAUJAT, 2004; SOUZA-E-SILVA, 2003, 2004, 2014; FANTI, 2019; FANTI; BRANDÃO, 2017; DAHER, et al. 2020), dando visibilidade a área. Para além destas obras, existem outras tantas que contribuem para pensarmos linguagem e trabalho, não somente em livros, mas em periódicos também. Ao remetermos a esta vinculação entre as áreas da ergonomia, da ergologia e da linguística aplicada, visualizamos uma outra composição, que revela o surgimento de uma outra área de estudos, a Ergolinguística. Esta que é de natureza interdisciplinar, nasce ligada ao trabalho, mas é consolidada em mais de uma área de conhecimentos.

Afinal, o que é Ergolinguística? Esta é a pergunta que Porto (2011) faz no artigo “Por um reconhecimento da ergolinguística”, e responde como sendo “uma disciplina da Linguística que estuda o trabalho através da linguagem” (p. 275). Ressalta que “ergo” significa atividade, ação, trabalho e que esse prefixo vem do grego. Assim, Ergolinguística “é uma linguística do trabalho, visto como uma atividade complexa e situada. A constituição da Ergolinguística, como o próprio nome denota, dá-se pela ligação entre os estudos linguísticos e os estudos de outra disciplina, a Ergologia, que, por sua vez, retoma a Ergonomia” (p. 275).

A Ergolinguística *Ab initio* exprime-se como uma disciplina, é dessa forma que ela surge. Ela “se ocupa de temáticas originadas nas relações linguagem e trabalho na vida social, e é forjada na confluência da ciência linguística com a ergologia e a ergonomia, aproximando esta nova forma de fazer pesquisa com outras disciplinas com as quais dialoga (história, filosofia, sociologia, psicologia, gerontologia, etc. (SAMPAIO et al., 2006). Portanto, “se propõe a discutir a complexidade do trabalho via linguagem, a partir do aporte teórico e metodológico resultante da confluência entre a Teoria/Análise Dialógica do Discurso, a Ergonomia francesa e a Ergologia” (PORTO, 2015, p. 70). A autora (PORTO, 2011) ressalta que a

Linguística é a ciência da Linguagem e a Ergolinguística se configura como sendo interdisciplinar.

Souza (2010), aponta que a Ergolinguística é uma disciplina que se dedica “ao estudo do trabalho humano expresso pela linguagem enquanto atividade (trabalho), forjada em situação de trabalho real” (SOUZA, 2010, p. 13). Ressalta que Linguagem é uma forma de atividade e que se situa vinculada a Teoria Dialógica da Linguagem de Bakhtin (2003, 2009).

Desse modo, a partir das várias áreas que a integra, a Ergolinguística vem chamando atenção e compondo congressos, livros, periódicos e disciplinas em Programas de Pós-Graduação²; vem sendo tema de pesquisas que originam dissertações e teses e estudos de pós-doutorado, que, num movimento de busca no âmbito científico, vem tornando-se visibilizada e possibilitando emergir um crescimento da área.

Perspectivas de estudos: produções e aproximações

Ao realizamos uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no ano de 2017, utilizando o descritor “ergolinguística”, foram encontrados apenas dois estudos sobre o tema. Ao refazer este caminho em maio do ano de 2021, encontramos os mesmos dois estudos, apresentados no quadro 1.

Quadro 1: Estudos encontrados.

ESTUDOS
SOUZA, AGUINALDO GOMES DE. SOFTWARE: ESBOÇO DE UM ESTUDO PARA AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM. 01/02/2010 134 f. Mestrado em LETRAS. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife.
PORTO, LUDMILA MOTA DE FIGUEIREDO. MANUAIS DO CUIDADOR DE IDOSOS: UMA ABORDAGEM ERGOLINGUÍSTICA DO ENVELHECIMENTO HUMANO. 05/02/2015 318 f. Doutorado em LETRAS. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife.

Fonte: Dados da pesquisa.

Trata-se de uma dissertação e uma tese; de 2010 e 2015, respectivamente; ambos estudos realizados no mesmo Programa de Pós-Graduação em Letras e mesma instituição – Universidade Federal de Pernambuco; e tiveram a mesma orientadora Doutora Maria Cristina

² Porto (2021, s/p), anuncia que “no ano de 2008, o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco implementou, após ampla discussão, uma reforma curricular que abriu espaço para a incorporação da disciplina de Ergolinguística à sua grade”.

Hennes Sampaio. A grande área de conhecimento dos dois estudos é Linguística, Letras e Artes; a área de conhecimento é Letras e área de avaliação é Letras/Linguística.

O primeiro estudo, de Aguinaldo Gomes de Souza (2010), objetivou analisar os processos sequenciais que engendram um *software*, ou seja, compreender a interface, as funcionalidades, a base hipertextual que lhe é própria bem como compreender o corpo de signos que o constitui. O autor, foca nas enunciações dos autores/desenvolvedores do *software* e como essas enunciações do outro interfere no acabamento do produto (*software* produto - aplicativo), com base na Teoria Dialógica da Linguagem de Bakhtin (2003, 2009). Na perspectiva do trabalho, toma a Ergolinguística para explicar o trabalho e retrabalho de uma fábrica de *software*.

O segundo estudo de Ludmila Mota de Figueiredo Porto, buscou compreender os discursos dos três manuais de cuidador brasileiros e contrastá-los com aqueles de cuidadores formais de idosos, a fim de evidenciar a constituição do trabalho prescrito para essa atividade humana considerando-se seus respectivos contextos sociais de produção e circulação no mundo globalizado. Toma como base o estudo anterior (PORTO, 2010), que o justifica e fundamenta. Os discursos dos manuais do cuidador foram analisados, captando as relações dialógicas, perspectivando a atividade em situação.

Ambos estudos apresentam em seus sumários, seções sobre a Ergolinguística, fundamentando-o e relacionando ao objeto estudado. Também tomam a Ergolinguística como uma nova disciplina – interdisciplinar, que é composta pela Ergonomia, Ergologia e a Linguística. Para tanto referenciam autores como: Schwartz (2000, 2010); Faïta (2002, 2005); Sampaio (2006 et al.); Nouroudine (2002) entre outros.

Acrescentamos a estes estudos os de Ludmila Mota de Figueiredo Porto (2010), Karla Daniele de Souza Araújo (2018) e Joseane Laurentino de Brito Lira (2019), todos realizados no mesmo Programa já citado e orientados pela mesma professora já referenciada. Consideramos importante estender a visualização a estes pelo objeto de estudos e o aporte teórico ligado as questões da linguagem e trabalho.

Assim, Ludmila Porto (2010) buscou configurar a atividade dos cuidadores de idosos que trabalhavam em instituições geriátricas de Recife/PE, perspectivando conhecer como estes resignificavam as concepções de envelhecimento através da linguagem e de suas ações. Também como essas atividades são representadas por eles e dialogam com o discurso do outro. Araújo (2018), objetivou compreender através do estudo de aspectos enunciativos e discursivos observados na atividade social da orientação acadêmica de que maneira se dá a construção do conhecimento nesse espaço formativo. E Lira (2019), buscou compreender

os sentidos e os valores atribuídos pelas trabalhadoras domésticas não remuneradas por esse trabalho.

Esses estudos têm como base a Análise Dialógica do Discurso e sua confluência com a Análise Ergológica da Linguagem. Todos abordaram linguagem e trabalho de modo relacionado, seja como a Teoria Dialógica no âmbito da atividade, da abordagem ergológica, da Teoria do Trabalho Humano ou da Ergolinguística. Estas pesquisas tomam os seus objetos como atividade captadas/realizadas pela linguagem, sendo: a fabricação do *software* por desenvolvedores é uma atividade; a atividade dos cuidadores de idosos; a orientação acadêmica como atividade; trabalho doméstico não remunerado como atividade. Estes são estudos que se completam, promovem evoluções e nos permitem agregar conhecimentos a/da área em estudo.

Como aproximações atuais, destacamos estudos que vem sendo realizados no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Próximo aos já apresentados, e com desmembramento para esta área de estudo, está a pesquisa de pós-doutorado realizado em 2016-2017, “A aula (de português) como gênero discursivo: linguagem, interação e práticas discursivas”, da professora Doutora Lúcia Gracia Ferreira, supervisionada pela professora Doutora Ester Maria de Figueiredo Souza, que objetivou compreender e analisar, nas relações cotidianas, as implicações da aula (de Português) que inferem nas práticas discursivas de ensino e aprendizagem de línguas e de engajamento nas interações didáticas. Entendemos que a aula é um gênero discursivo e uma atividade, é, portanto, parte inerente do trabalho do professor.

Nossas reflexões retomam à memórias e registros de projetos de pesquisa, quando participamos como docentes formadoras do projeto Letras Vernáculas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID³), no ano de 2010 a 2016, nesta universidade, ao elaborar, dentre os gêneros autorias com os bolsistas, o gênero memória de formação:

³ O PIBID iniciou na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no ano de 2009, quando teve seu projeto aprovado por meio de edital publicado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES). O projeto institucional contemplava, dentre outras licenciaturas, a de Letras Vernáculas e Letras Modernas, com 24 bolsistas e foi assentado nas bases da etnografia educacional para interpretar o cotidiano e as práticas escolares de ensino na educação básica e na concepção de linguagem como trabalho, filiada à concepção sóciointeracionista da linguagem. Até o presente momento de escrita deste texto o projeto se desenvolve na graduação e na pós-graduação, estudantes egressos, continuaram seus estudos na pós-graduação em Letras e Educação, mobilizando as dimensões da linguagem como trabalho nas práticas acadêmicas, como os gêneros memorial de formação, sequências didáticas, diários da docência e, na realização de estudos de pós-doutorado, na supervisão e realização de pesquisa, verticalizamos a compreensão da Ergolinguística na orientação de dissertação e planos de monitoria com estudantes da graduação.

Inicialmente, a representação da docência pelos ID era de prática de ensino. Para meu estranhamento, também para as bolsistas supervisoras. Encontrava-se, assim, um tema para problematizar a formação.

Quais as representações da docência? Como mobilizar processos de (re)construção da docência de sujeitos professores/as que se encontravam em estágios formativos e *locus* de aprendizagem diversos de exercício da própria docência? Além dessas duas questões de entrada, o planejamento de ensino da língua alvo: aulas de português.⁴

A primeira entrada era revelar as experiências e teorizar essa noção. Assim, o pensamento de Larrosa foi mobilizador para que, afetivamente, os bolsistas expusessem o que lhes afetavam. A memória dos ID expressavam os encontros com as experiências positivas. A memória das supervisoras, o encontro com as experiências negativas. Era comum, nos depoimentos dos licenciandos remissões à professora que mais “gostou”, ao projeto desenvolvido “fora da sala de aula pelo professor x” ... A memória das supervisoras revelava as dificuldades de “dominar” a classe/turma para manter a atenção dos alunos.

A docência é catalisadora de processos pela sua especificidade de dialogia. Assim, além de Larrosa, Paulo Freire, mais do que inspiração, era desafio epistemológico a ser praticado para deslocar-se dessa representação dualista do bom e do ruim na trajetória de constituição da docência e suas experiências.

O primeiro reconhecimento foi a revelação aos ID que eles já tinham experiência de docência no papel de estudante tanto da educação básica como dos semestres iniciais do curso de Letras. O mesmo ocorreu com as supervisoras, pois essas revelavam a experiência da docência restrita à atuação profissional. Assim, o encontro foi nominado como Dilema 1: “Não temos experiência da docência”

A situação de (des)reconstrução dessa concepção foi planejada a partir e nossa compreensão de que se fazia necessário envolver o par opositivo professor/a supervisor/a e licenciando/a, não como OPOSIÇÃO, mas como PARES DISCURSIVOS que exercem papéis distintos no circuito formativo/ rede de formação do projeto. Essa assimetria é a marca de identidade e de valoração das distintas subjetividades promovidas nos encontros formativos para interpretação e elaboração da docência como especificidade do ofício de professor. Assim, todos os momentos formativos propostos, a partir daquele dilema inicial - “**Não temos experiência da docência**”-, foram orientados pela problematização de que seria necessário:

- a) ampliação da formação sobre a didática de ensino da disciplina e da docência como objeto de pesquisa
- b) definição de gêneros de ensino como produtos autorias do professor, para a organização do trabalho pedagógico, como, por exemplo, o plano de aula, projetos didáticos etc.
- c) demarcação da especificidade da professoralidade em formação continuada e em formação inicial,
- e) a afirmação de que a docência é um produto das interações mobilizadoras na e pela assimetria de papéis discursivos da identidade de ser professor,
- f) permutação entre os diferentes autores e atores do PIBID quanto as modalizações da a assimetria de papéis docentes como coconstitutivas da professoralidade da docência como produto do trabalho da interação entre formadores e seus formandos em suas práticas cotidianas (PIBID, Memória de Formação).

Os gêneros escolares do discurso mobilizados nas práticas formativas do PIBID, além das narrativas, foram expostos como memórias de formação, planos de aula, narrativas da

⁴ Não abordaremos questões do planejamento e avaliação do ensino nesta narrativa. O planejamento no subprojeto foi orientado pelos referenciais da concepção interacionista da linguagem e centrado no trabalho e exploração dos gêneros discursivos para as práticas de leitura/escrita/análise linguística.

docência, revelando o caráter autorreflexivo de sua composição, como exemplificado em parte no relato de experiência de uma bolsista como transcrevermos:

O PIBID tem tido implicações diretas na minha vida de graduanda, pois tem me mostrado a necessidade de um olhar mais cuidadoso para a realidade docente no qual eu me insiro como aluna cursista de Letras, tem me feito sair de onde vinha - apenas cadeira das aulas na Universidade -, ou seja, tem me tirado dos assentos confortáveis da Universidade, salvo importantes também, para me levar às realidades múltiplas em que se inserem as práticas docentes e aos desafios que a essas são conferidos. Trabalhar em torno às problematizações, realidades e acontecimentos de educação amparada pelo Núcleo tem me levado a perceber a importância das pesquisas diante do arcabouço proporcionador não de culpabilizações, mas sim de diagnósticos, de investigações coerentes no espaço da sala de aula. Tudo isso me leva a crer que o levantando aprofundado de tais questões me levam a vestir a minha iniciação a docência de um modo mais respondente.

Quando se pensa relatar os atravessamentos do PIBID nos cenários da sala de aula e nos acontecimentos vivenciados sob a pele de quem os vivi, ou seja, eu professora, torna-se importante destacar - eu não vejo outra forma -, senão essa, de trazer à tona, fazer menção sob a realidade de inteireza da atuação no corpo da escola. As melhores cenas e imagens foram aquelas em que os alunos se tornaram as personagens principais no enquadre da interação sócio-verbal-discursiva deixando que ecoasse o novo, o reinventar.

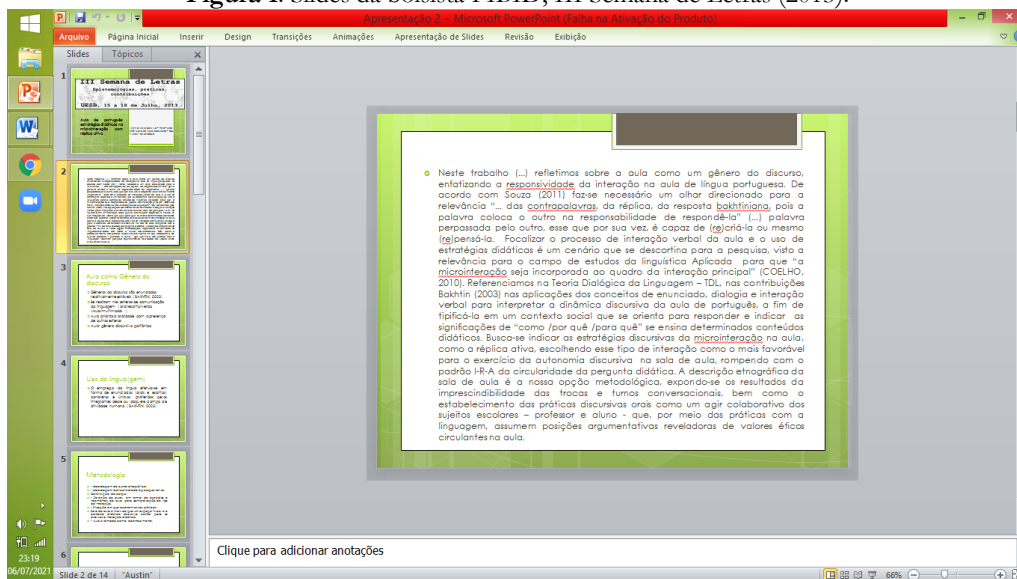
Assim, narrar a própria prática e a constituição da docência requer assumir-se como um professor em constante formação e em diálogo com o seu fazer e refazer docente. Nesse ponto, o encontro com a produção de narrativas da docência, com a prática da escrita, favoreceu extrair de minha prática cotidiana as contribuições do PIBID e (re)tomadas de posição avaliativas de meu aprimoramento profissional e formação humana. (Relato de Experiência, bolsista PIBID, 2013).

Também, apresentamos extrato de narrativa da coordenadora do projeto, quando instada a participar e colaborar em projeto de pesquisa de doutorado, como ilustração e afirmação das dimensões presentes da linguagem e trabalho nos percursos formativos para a docência:

A docência é catalisadora de processos pela sua especificidade de dialogia. Assim, além de Larrosa, Paulo Freire, mais do que inspiração, era desafio epistemológico a ser praticado para deslocar-se dessa representação dualista do bom e do ruim na trajetória de constituição da docência e suas experiências, foi o aporte da Ergolinguística, na sua imposição de situar o ensino como trabalho e a linguagem na, com e sobre situações de trabalhos em contextos de formação para a docência (Coordenadora, 2017).

Além das narrativas, resumos, relatos de experiências, artigos técnicos científicos, dentre outros, esses gêneros fundamentavam-se em teorias do discurso que tomavam a dialogia como extrato teórico para interpretação da cultura escolar e da própria docência como objeto do discurso (SOUZA, 2016). Como saldo, além das reelaborações atinentes à dimensão autorreflexiva da prática docente, a exploração dos letramentos docentes seguiam no bojo das problematizações, o que comprovamos na tela de um dos slides.

Figura 1: Slides da bolsista PIBID, III Semana de Letras (2013).



Fonte: Dado da pesquisa.

Destacam-se nos enunciados práticas com a linguagem, gênero do discurso, responsividade, interação, trabalho, descrição etnográfica, teoria dialógica que confluem em inspiração de estudos interpretativos sobre a docência, como se extrai da figura, em suas últimas linhas “[...] um agir colaborativo dos sujeitos escolares – professor e aluno - que, por meio das práticas com a linguagem, assumem posições argumentativas reveladoras de valores éticos circulantes na aula”.

Como abordagem metodológica, o projeto PIBID Letras Vernáculas ancorava-se na etnografia, por reconhecer que o “olhar” etnográfico é uma lente da observação de situações no cotidiano da escola, exigindo o estranhamento e a curiosidade científica para registrar e o que se supõe não compor esse cotidiano, não sendo exclusivo os registros oficiais. O olhar etnográfico exige pôr os sentidos em alerta, para que a produção dos dados da pesquisa em situação natural de sua realização não seja contaminada com a percepção de que o pesquisador é o estrangeiro naquele grupo.

Um dos primeiros estudos nos cursos de pós-graduação, mestrado em Letras, abordou o memorial de formação como um gênero do discurso⁵, e considerou esse não apenas como o registro de aspectos da formação profissional, mas afirma-se como uma enunciação dialógica produto de formação de uma consciência social sobre a docência, centrado na escrita

⁵ DOURADO, L. S. *O Memorial de Formação como gênero do discurso: marcas da professoralidade docente*. 2015. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagem) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – Bahia, 2015.

autorreflexiva, com estilo polifônico e intersubjetivo do agir docente, sendo a sua escrita um evento marcado pelos sentidos da situação vivida.

O estudo realizado por Geysa Dayanne Gomes de Costa (2019), que buscou compreender como se configura a arquitetura da aula, levando em consideração o trabalho docente. Com entradas para a área em questão está o trabalho de Taylane Santos do Nascimento (2020), que consistiu em explorar práticas discursivas de educadoras-alfabetizadoras sobre a formação do/no Pacto-Bahia, os saberes da profissão e para a autoria de gêneros da docência, a fim de interpretar e extrair indícios reveladores de seus letramentos docentes e traços constitutivos da professoralidade.

Mais recentemente, e ainda por lançar, mas que já podemos anunciar, a obra “Temas e cenas do ensino como trabalho: uma moldura dialógica”, produzida pelas Edições UESB, no prelo, para lançamento no ano de 2021. O livro é organizado por Ester Maria de Figueiredo Souza e Lúcia Gracia Ferreira e remetem as produções oriundas do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação (UESB/CNPq), mais especificamente, no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGCEL) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Assim, a Bahia vem se consolidando como cenário das discussões das temáticas em questão – linguagem e trabalho; Ergolinguística -, o que colabora para ampliar o debate.

Um mapeamento sobre a temática da Ergolinguística situa a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como pioneira no Estado e como a segunda do Nordeste em desenvolver estudos na área. Com forte e fecunda projeção para a formação do professor e impacto na educação, os estudos desenvolvidos na UESB reivindicam o lugar do protagonismo docente como mobilizador de ações com a linguagem para (des)revelar o trabalho docente a partir do enfoque dialógico e de reconhecimento dos gestos de autoria que se expressam quando do planejamento de ensino e de sua realização nos processos interativos na sala de aula.

Nossa aposta em propositar para os cursos de licenciatura reflexões sobre o agir com a linguagem conflui para assumir essa como um processo de reelaboração socio-histórica e cultural e assentá-la na concepção interacionista, que toma a consciência social como matéria-prima para constituir práticas discursivas nos ambientes de trabalho.

Assim, este mapeamento expressa a produção na área, expõe, também, a escassez de trabalhos, mas, por outro lado, informa as relevantes conclusões das pesquisas já finalizadas e os movimentos que grupos de estudos interinstitucionais promovem para dar visibilidade aos estudos Ergolinguísticos, bem como perspectiva de continuidade de outras entradas teóricas e projeções de inspiração para fortalecer estudos em curso.

A síntese conceitual de Porto (2011) nos encorajou a essa identificação e nos inspira a continuar empreendendo estudos nessa dimensão, com o mesmo rigor e com o reconhecimento de que somos seres em constante devir, INcompletos, INconclusos e INacabados, tomando a linguagem como “ferramenta” para enfrentar essa estrada dos três IN. Assim:

A Ergolinguística compreende o trabalho e a linguagem como atividades situadas, e a relação entre essas atividades é abordada através de métodos de coleta e análise de dados, entre os quais se destacam o método dialógico-discursivo, uma forma de conhecimento de sujeitos sociais via discurso, e os métodos de autoconfrontação, que colocam os trabalhadores diante si mesmos na atividade, estimulando-os à reflexão sobre a própria atividade. (SAMPAIO, 2006; CLOT, 1997 apud PORTO, 2011, p. 175).

É notório que ao enunciar esses estudos como iniciais, neste texto, recuperamos um saldo de produção de conhecimento que não se iniciou no ano de 2005, como registramos no título, contudo nesses últimos seis anos avolumou-se a identificação com o campo da Ergolinguística, com o conhecimento da base epistêmica dessa disciplina e a rememoração e revisão de trabalhos por nós orientados, tanto na graduação, como na pós-graduação.

Dessa forma, afirmamos o pertencimento institucional enquanto grupo pesquisador em estudos dialógicos, assumindo, metodologicamente a análise pluridisciplinar do trabalho em situações reais de interação verbal e a linguagem como produto dessas relações, tomando enunciados dos sujeitos e gêneros do discurso na esfera escolar e de formação docente escolares como extratos para problematizações da docência como potencialização de práticas dialógicas. Cada um dos estudos que ilustra esse texto expõe, com maior ou menor potência, a concepção de linguagem como trabalho e a atividade discursiva no ambiente de trabalho.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos contribuir com a reflexão sobre a formação docente em uma perspectiva dialógica de conceber a docência como uma atividade autoral e historicamente revelada.

A temporalidade de 2015-2021 centra estudos da pós-graduação, mas pode-se constatar que essa orientação já se expunha quando do trabalho nos cursos de graduação em Letras e, em especial, no Projeto PIBID, pois já era o propósito interpretar o funcionamento da linguagem sobre e no contexto do fluxo de produção autoral da docência, a sua produção de sentidos, revelada na construção colaborativa dos distintos papéis discursivos que o sujeito estudante/docente ocupa ao realizar atividades inerente ao agir docente.

Assim, as pesquisas relacionadas neste estudo e os gêneros relatos e narrativas de participantes e autores dos trabalhos explorados fundamentaram-se no aporte teórico de teorias

do discurso que aproximam a concepção de linguagem como trabalho, sendo esse o resultado que compõe a filiação teórica de seus pesquisadores.

Neste ínterim, consideramos que este texto contribui para continuarmos avançando em estudos na área, possibilitando que emergam outras frentes, principalmente, na Bahia, estado de atuação das autoras deste texto, seja na graduação ou pós-graduação, seja no âmbito de disciplinas, orientações, pesquisas ou produções acadêmicas/científicas. Almejamos que a articulação entre linguagem e trabalho, tecida na perspectiva do discurso, possa continuar a se ramificar e dar outros frutos, além da Ergolinguística.

LENGUAJE Y TRABAJO: REGISTROS DE ESTUDIOS PIONEROS Y INICIALES EN EL ESTADO DE BAHIA (2005-2021)

RESUMEN: Este trabajo se sitúa entre el estado de conocimiento sobre lenguaje en situaciones de trabajo de formación docente y exposición de acontecimientos para inaugurar esa problematización en el interior del grupo de investigación de una universidad pública del interior de Bahia. Informa el periodo de 2005-2021 como el que reúne estudios con mayor adherencia a la concepción de enseñanza como actividad, como también el reconocimiento del ejercicio de orientación académica en la graduación y posgrado como indicios de años anteriores como inaugurales para la constitución y afirmación de este campo, en esta universidad. Objetivamos, en este estudio, catalogar producciones sobre el tema que marca el inicio de las discusiones en el ámbito de Brasil y de Bahia. Así, encontramos investigaciones que enfatizan el enfoque del lenguaje con/como/sobre el trabajo y la Ergolinguística.

PALABRAS CLAVES: Lenguaje; Trabajo; Enseñanza; Ergolinguística.

REFERÊNCIAS

- ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. (org.). *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 79-99.
- _____. *Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, A. R. (org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina-PR: Eduel, 2004. p. 35-53.
- ARAÚJO, K. D. S. *A atividade de orientação acadêmica: espaço para o encontro, a mudança e a abertura do ser*. 2018. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2018.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec. 2009.
- _____. *Estética da criação verbal*. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Trad. Anna Rachel Machado et al. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.
- CLOT, Y. *Le travail, activité dirigée: contribution à une analyse psychologique de l'action*. Document the synthèse pour l'Habilitation à diriger des recherches. Paris: Université de Paris VIII, 1997.

- COSTA, G. D. G. *Para uma arquitetura de aula: desvelando o discurso didático*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.
- DAHER, C.; MENDES, S.; MOTTA, A. R.; ROCHA, D.; SANT'ANNA, V.L. (orgs.). *Memória dos Estudos Discursivos sobre as Relações Linguagem-Trabalho: Homenagem a Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva*. Campinas: Mercado de Letras, 2020, p. 37-46.
- DOURADO, L. S. *O Memorial de Formação como gênero do discurso: marcas da professoralidade docente*. 2015. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – Bahia, 2015.
- DUARTE, F.; FEITOSA, V. (orgs.). *Linguagem e Trabalho*. Rio de Janeiro: Lucerna. 1998.
- FAÏTA, D. Análise das práticas linguageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÏTA, D. (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Trad. Ines Polegatto e Décio Rocha. São Paulo: Cortez. 2002.
- _____. Gêneros de discurso, gêneros de atividades, análise da atividade do professor. In: MACHADO, A. R. (org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004. p. 55-80.
- _____. *Análise Dialógica da Atividade Profissional*. Rio de Janeiro: Imprinta Express. 2005.
- FANTI, M. da G. di. Questões de (in)visibilidade: linguagem e trabalho. *Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 15, n. 3, p. 350-369, set./dez. 2019.
- FANTI, M. da G. di.; BRANDÃO, H. N. (org.). *Discurso: tessituras de linguagem e trabalho*. São Paulo: Cortez, 2017.
- FIGUEIREDO, M.; ATHAYDE, M; BRITO, J.; ALVAREZ, D. (orgs.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A. 2004.
- FILLIETTAZ, L. As contribuições de uma abordagem praxeológica do discurso para a análise do trabalho do professor. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004, p. 199-235.
- LACOSTE, M. Fala, atividade, situação. In: DUARTE, F.; FEITOSA, V. (orgs.). *Linguagem e Trabalho*. Rio de Janeiro: Lucerna. 1998. p. 15-36.
- LIRA, J. L. B. *O trabalho doméstico não remunerado: uma abordagem discursiva*. 2019. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2019.
- LOUSADA, E. Os pequenos grandes impedimentos da ação do professor: entre tentativas e decepções. In: MACHADO, A. R. (org.). *O ensino como trabalho*. Londrina: Eduel, 2004. p. 271-296.
- MACHADO, A. R.; MAGALHÃES, M. C. C. A assessoria a professores na universidade brasileira: a emergência de uma situação de trabalho a ser desvelada. In: SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÏTA, D. (org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 139-156.
- MACHADO, A. R. (org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.
- _____. Trabalho prescrito, planejado e realizado na formação de professores: primeiro olhar. In: ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. (org.). *Linguagem e educação: o*

trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 79-99.

MACHADO, A. R.; BRONCKART, J. P. (Re-) configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In: ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. (org.). *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 31-77.

NASCIMENTO, T. S. *Professoralidades e Letramentos Docentes de Alfabetizadoras do Pacto-BA em Discurso: entre significados e (re)significações*. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÏTA, D. (Orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-30.

PORTO, L. M. F. *Manuais do cuidador de idosos: uma abordagem ergolinguística do envelhecimento humano*. 2015. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2015.

_____. *Análise dialógico-discursiva da atividade dos cuidadores de idosos em instituições geriátricas do Recife*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE. 2010.

_____. Pelo (re)conhecimento da Ergolinguística. *Revista Entomia*, ed.8, ano IV, dez./2011, p. 269-291, Recife, PE.

_____. Prefácio. In: SOUZA, E. M. de F.; FERREIRA, L. G. (orgs.). *Temas e cenas do ensino como trabalho: uma moldura dialógica*. Bahia: Editora da UESB, 2021. No prelo.

SAMPAIO, M.C.H; BARRETO, K. M. L.; AGUIAR, K. R.; CABRAL, I. F. F. S.; SANTOS, M. C. V.; SILVA, A. P. R. da. O método dialógico-discursivo: aplicações em estudos da memória-trabalho. Trabalho completo. In: Simpósio internacional de Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais e na Prática Social. 2006, Recife. *Anais [...]*, 2006, Recife: PE, 2006.

SAUJAT, F. O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004, p. 3-34.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF, 2010.

_____. Trabalho e uso de si. *Pró-Posições*. Tradução de Maria Lúcia da Rocha Leão, revisão técnica de Maria Inês Rosa. Vol. 11, n. 2, p. 34-50. 2000.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias. In: FIGUEIREDO, M. et al. (org.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 23-33.

_____. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, supl.1, p. 19-45, 2011.

_____. Trabalho e saber. In: ALVES, W. F.; MACHADO, M. M. (org.). *Trabalho e saber: questões e proposições na interface entre formação e trabalho*. Campinas: Mercado das Letras, 2016. p. 177-195.

SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÏTA, D. (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Trad. Ines Polegatto e Décio Rocha. São Paulo: Cortez. 2002.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. O ensino como trabalho – o professor como trabalhador. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.44, p. 339-351, jan./jun. 2003.

_____. O ensino como trabalho. In: MACHADO, A. R. (org.). *O ensino como trabalho*. Londrina: Eduel, 2004. p. 81-104.

_____. A interface estudos discursivos e estudos ergológicos. *Letras de Hoje*, PUCRS, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 282-289, 2014.

SOUZA, A. G. *Software*: esboço de um estudo para as ciências da linguagem. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2010.

SOUZA, E. M. F.; FERREIRA, L. G. (orgs.). *Temas e cenas do ensino como trabalho: uma mol-dura dialógica*. Bahia: Editora da UESB, 2021. No prelo.

SOUZA, E. M. F. Linguagem e currículo: diálogo com a teoria dialógica: In: SOUZA, E. M. F. (org). *Letramento e Dialogia*: enfoques para a formação de professores. Edições UESB: Vitória da Conquista, 2016, p. 145-163.

Recebido em: 12/05/2021

Aprovado em: 14/07/2021.